

ANTROPOLOGIA VISUAL: VELHAS FRONTEIRAS DISCIPLINARES, NOVAS ABORDAGENS*

*Sandra Maria C.T. Lacerda Campos ***

CAMPOS, S.M.C.T.L. Antropologia visual: velhas fronteiras disciplinares, novas abordagens. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 4: 167-172, 1994.*

RESUMO: O artigo trata de questões básicas de um momento do desenvolvimento da Antropologia Brasileira dando destaque à produção do etnólogo Harald Schultz, que no período entre 1939 a 1966 registrou os resultados de suas pesquisas em mais de sessenta filmes etnográficos, além de fotos, artigos e livros. Procura-se caracterizar o diálogo estabelecido pelo Museu Paulista com a Universidade de São Paulo e a Escola Livre de Sociologia e Política, analisando os efeitos desencadeados pelas influências teóricas herdadas dos centros europeus nesse período, que contribuíram para a construção dos paradigmas das Ciências Sociais no Brasil.

UNITERMOS: Filme Etnográfico – Indigenismo – Antropologia Brasileira – Antropologia Visual.

O contato com museus especializados em acervos de arqueologia e etnologia, torna possível a vivência com artefatos que testemunham as várias maneiras que o Homem historicamente vem manifestando na sua relação com o mundo exterior. E não podemos nos furtar das inúmeras possibilidades de estudos voltados à cultura material e não material dos diversos grupos étnicos representados e, em especial, os de origem indígena.

Com o intuito de contribuir para as investigações acerca da produção científica na área das Ciências Sociais, busca-se resgatar as tendências do “fazer antropológico” enfatizando-se o período da história da antropologia brasileira marcado entre o fim da década de 30 até meados dos anos 60.

Destacamos o fato singular de que os povos indígenas brasileiros vêm despertando há alguns

séculos o interesse e a curiosidade de vários pesquisadores, demonstrado em relatos de viajantes, registros de cronistas e, mais recentemente, nos estudos etnográficos, sendo inúmeros os trabalhos que buscam descrever ou resgatar o modo de vida e os traços diferenciados da cultura do homem “civilizado”. Cumpre-nos, aqui, dar os devidos créditos aos pioneiros e precursores da antropologia brasileira, sem que tenhamos a pretensão de resgatar todos os estudos que historicamente tiveram seu início marcado já no período de conquista. E ao se trabalhar em instituições do tipo Museu, torna-se possível o contato com a produção material de diversos grupos étnicos que nos proporciona conhecer aspectos acerca das técnicas de manufatura, tipo de matéria prima utilizada, modos de uso, além de aspectos não materiais que envolvem o universo de representação simbólica de cada grupo evidenciado, sendo este o principal elemento demonstrativo da diversidade étnica impressa nas várias culturas. Frente à proposta de caracterizar e registrar a multiplicidade dos vários grupos indígenas brasileiros, destacamos o etnó-

(*) Trabalho apresentado no III Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais, Lisboa, julho de 1994.

(**) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

logo Harald Schultz que, quase anonimamente, deixou-nos uma inestimável contribuição ainda pouco conhecida, mesmo tendo passado quase 30 anos de sua morte, e merecedora de reconhecimento para a construção da história da antropologia brasileira e para o desenvolvimento dos estudos na área da Antropologia Visual.

O contexto histórico que demarca sua trajetória reflete as influências de dois de seus mestres: Curt Nimuendajú e Herbert Baldus, transmissores das tendências teórico-metodológicas desenvolvidas na Europa e adotadas no Brasil no período em destaque.

Aspectos biográficos

Harald Schultz nasceu em Porto Alegre em 22 de fevereiro de 1909. Gaúcho de ascendência alemã e dinamarquesa, havia sido incumbido pelo General Cândido Rondon de organizar um Departamento de Documentação Cinematográfica e Etnográfica para o **Serviço de Proteção aos Índios**, que veio a transformar-se, pelos idos de 1939, na **Seção de Estudos do SPI**. Na qualidade de funcionário desse Serviço governamental, teve a oportunidade de visitar várias etnias no Estado de Mato Grosso – Região Centro Oeste do Brasil – registrando com auxílio de técnicas fotográficas e filmográficas o cotidiano de cada grupo investigado. Já despertava nessa ocasião sua grande vocação de etnógrafo, sem ter a consciência da inestimável colaboração que seus registros representariam como testemunhos para o desenvolvimento da *Antropologia Visual Brasileira*, sobre a qual nem se cogitava em sua época.

Temos o dever de ressaltar que os referidos registros não se distinguem apenas como retratos de frações selecionadas de uma realidade vivenciada por seu autor, as quais muitas vezes descaracterizam a amplitude dessa mesma realidade, principalmente quando estas imagens são utilizadas com caráter meramente ilustrativo ou complementar de um estudo descritivo. Frente a essas colocações, fica-nos evidente que o elenco de filmes e fotos produzidos por Harald Schultz manifesta a preocupação de registrar os momentos representativos de cada grupo, detalhando e ressaltando a diversidade cultural existente entre as várias etnias por ele estudadas.

No início dos anos 40, muda-se para São Paulo e, a convite do etnólogo Herbert Baldus, passa

a assistir aos cursos de Etnologia Brasileira proferidos por este respeitável professor na Escola Livre de Sociologia e Política. Trata-se do primeiro confronto com sua posição de autodidata, dando início à sua formação teórica.

Não tardou a destacar-se como pesquisador talentoso e incansável investigador das culturas indígenas, vindo a tornar-se assistente de seu mestre nas pesquisas de campo, enfaticamente desenvolvidas nas regiões Norte e Central do Brasil.

No período correspondente aos anos de 1942 até 1945, H. Schultz esteve a serviço do SPI, estabelecendo contatos com os grupos: TERENA, KADIUÉU e GUARANI, no Sul de Mato Grosso (1942), BAKAIRI – Paranatinga, UMUTINA – alto Paraguai (1943). Em 1944 retorna para suas pesquisas de campo junto ao grupo Umutina, produzindo nesse contato, seu primeiro filme etnográfico do qual se tem notícias: *Danças e Culto dos Mortos* (4'30"), em bitola 16'.

No ano seguinte, em 1946, já trabalhava com Herbert Baldus como assistente de pesquisa junto à Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde iniciou seu contato com o grupo KAINGANG no Estado do Paraná. Em 1947, com a fundação da Seção de Etnologia do Museu Paulista, criada e dirigida por Herbert Baldus, Harald Schultz é nomeado Assistente de Etnologia do Museu, função esta que desempenhou ativamente até sua morte em 1966. No ano de 1947, juntamente com Herbert Baldus e contando com apoio da ESPSP, retorna aos KAINGANG e aos TERENA, em São Paulo, e viaja para o Mato Grosso para dar início às investigações junto ao grupo KARAJÁ, passando pelo norte de Goiás, contactando nessa ocasião o grupo KRAHÔ. Em 1948, retoma os contatos com o grupo KARAJÁ e conhece os TAPIRAPÉ. Sua trajetória de etnólogo foi marcada pela participação em várias expedições juntamente com H. Baldus, sendo em sua maioria a convite do SPI. Nesse período, desenvolveu para o Museu Paulista a coleta sistemática de vários itens da cultura material dos grupos visitados; registrou fotograficamente os momentos representativos da vida cotidiana e filmou magistralmente cenas que detalham e ressaltam a diversidade cultural existente entre os vários grupos étnicos, muitos deles hoje descaracterizados, integrados ou, até mesmo, extintos.

Foram anos de investigações muito intensas representadas pelo levantamento de vários

aspectos materiais e simbólicos acerca das peculiaridades de cada grupo, que H.Schultz descrevia de forma minuciosa e sistemática em seus diários de campo.

Sem dúvida alguma, pode-se afirmar que os acervos constituídos pelo referido autor representam um grande suporte científico para estudos de várias gerações de antropólogos empenhadas na pesquisa referenciada aos povos indígenas brasileiros. Destaca-se, ainda, o fato de que muitos dos objetos coletados e alojados no Museu encontram-se presentes nas fotografias e nos filmes, alguns deles demonstrando as técnicas de confecção, contexto de utilização, entre outros elementos essenciais para o desenvolvimento de estudos de cultura material.

Em 1949, H.Schultz publica seu primeiro artigo de caráter etnográfico, intitulado “*Notas sobre a magia Krahô*”, com os dados coletados na visita efetuada em 1947, complementados com os coletados em 49. Produz também os filmes: *Queimada (1’30’)*, *Corrida de Revezamento – Ritual com Toras de Madeira (5’)*, *Cerimonia Matinal (2’)*, *Preparando um Grande Bolo de Mandioca para uma Festa (10’30’)*, ainda com o grupo evidenciado, e publica no mesmo ano mais um de seus artigos resgatando um dos mitos de outro grupo investigado por ele: “*A Criação dos homens: Lenda dos índios Umutina*”.

As permanências em campo vão se tornando cada vez mais prolongadas, fato que restringe a três os grupos visitados em 1950 sendo eles: IPURINÂN, KULINA e TUKURINA, no alto Purus, publicando neste ano alguns artigos monográficos sobre os aspectos da vida cotidiana e registrando algumas das lendas dos grupos por ele percorridos. No ano seguinte, restringe-se aos KAXINÁUA, no alto Purus, produzindo sobre este grupo o filme *Expedição de Pesca e Festa (8’30’)*.

Nos anos de 1952 e 1953, entra em contato com grupos ainda não visitados e retorna a outros já conhecidos, como: MOREÉ (no trecho Boliviano do Guaporé), KANOÉ, MASSAKÁ, MAKURÁP (no trecho brasileiro), KARAJÁ, TAPIRAPÉ (no Tapirapé) e DIGUT e URUKÚ (no Gi-Paraná).

Em 1954, suas pesquisas ficam restritas às escavações arqueológicas na Bacia do Solimões e no baixo Amazonas, experiência que já havia vivenciado em 1949. Publica neste ano sua obra de maior destaque: *Vinte e Três Índios Resistem*

à *Civilização*, prefaciado por H.Baldus. O livro, publicado em São Paulo, conta com figuras, fotografias e um mapa etnográfico, onde se refere “às viagens aos Umutina realizadas pelo autor em 1943, 1944 e 1945 contém preciosas informações sobre o culto aos antepassados desses índios, seus processos de adquirirem o sustento, sua mitologia e outros traços culturais” (Baldus, 1965/66:5-21). Esse livro, além de ser uma obra de divulgação, relata o ataque sofrido pelo autor por um índio umutina criado entre os brancos, que lhe deixou uma grande cicatriz decorrente dos graves ferimentos.

De 1955 a 1958, deu continuidade às suas pesquisas etnográficas, acompanhando algumas escavações arqueológicas coligindo material para compor e ampliar os acervos arqueológicos e etnológicos do Museu Paulista. Publicou vários artigos baseados em experiências registradas ao longo do tempo e, neste ano, produz mais um de seus filmes, destacando o grupo JAVAÉ (Araguaia): *Cerâmica: Fazendo uma Panela para Cozinhar (11’)*.

O auge de sua carreira e produção ocorreu entre os anos de 1959 e 1965, período em que intensificou a realização de seus filmes etnográficos. Os registros preservados demonstram a sensibilidade com que H.Schultz enfocou detalhes do cotidiano dos grupos vivenciados por ele, que já era considerado amigo e defensor da causa indígena. Sensibilidade e acuidade de alguém que conhecia com familiaridade os hábitos de cada grupo, demonstrando os traços culturais distintivos das várias etnias a partir de experiências de mesma ordem, ou seja, detalhou comparativamente as distinções das técnicas de pesca, da manufatura de objetos cerâmicos, entre outros, dos diversos grupos. É como se o pesquisador estivesse vivenciando seu momento de maturidade científica interrompida em janeiro de 1966 com sua morte prematura, decorrente de um incidente infeliz.

Esta pequena amostragem da produção de Harald Schultz demonstra a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre seus conteúdos, que nos permitirá refletir sobre as sociedades indígenas destacadas, relacionando as várias e distintas visões de mundo, o imaginário mítico de cada grupo e os processos de elaboração do “vir a ser” de cada cultura.

A dialógica como marco histórico

O contexto de desenvolvimento da Antropologia Brasileira tornou oportuna a adoção do método de investigação assimilada pelo autor, pois tratava-se de um momento de reflexão, ampliação e discussão das tendências teóricas trazidas da Europa, acrescentando-se o fato de que “na década dos trinta a antropologia começou a tomar corpo no ambiente cultural paulista. Marco decisivo foi, sem dúvida, a fundação em 1934, da Universidade de São Paulo e a Escola Livre de Sociologia e Política. Já em tempos anteriores houve, como vimos, pesquisadores, todos autodidatas, que escreveram sobre temas etnológicos e de disciplinas afins.” (Schaden, 1984:251-258).

Em 1939, se dá a criação da cadeira de Etnologia Brasileira, que passa a ser ministrada por Herbert Baldus na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, instituição da qual era membro. Os cursos ministrados por H.Baldus debatiam sobre a corrente positivista no ambiente acadêmico, recentemente criado no Brasil, difundia junto ao debate teórico as responsabilidades e atribuições do etnólogo. “H.Baldus atribuiu ao etnólogo um papel decisivo na preservação das populações. Ao etnólogo caberia, como investigador, estudar a fundo a estrutura e função de uma etnia, para depois, como interventor, dar a sua opinião a respeito do tratamento a ser empregado para eliminar ou preservar certos traços culturais. O etnólogo se diferenciava do funcionário administrativo e do missionário, porque se dedicava exclusivamente à ciência.” (Gagliardi, 1989: 253-284).

Este período caracteriza o nascimento de uma nova consciência sobre a questão indígena. Uma das causas foi a grande crise por que passou o Serviço de Proteção ao Índio, revelando-se a falha da teoria de que o índio se integraria gradativamente à civilização.

Dando relevo a esses fatores, torna-se necessária a retomada do diálogo estabelecido entre os Museus – que se caracterizavam, por tradição, pelo incentivo ao espírito investigador, patrocínio financeiro, além de promover o debate etnológico – e destes com o meio acadêmico que passa a dar amplitude ao debate teórico no plano nacional e internacional.

Podemos considerar o período como um dos marcos na história da Antropologia brasileira, por ser demarcado pelo estabelecimento de uma dialógica entre as referidas instituições e principalmente pela difusão de modelos teóricos franceses e ingleses, que acompanharão as fases de ampliação e apogeu da ciência antropológica no Brasil, tendências estas, criadoras dos paradigmas científicos transportados até nossos dias enquanto herança essencial para a formação das novas gerações de antropólogos.

A importância de ressaltar esse momento histórico da Antropologia se dá por duas condicionantes básicas:

— Refletir sobre o processo de desenvolvimento intelectual por que passava a antropologia a partir da década de 30 quando esta começa a ter destaque no panorama cultural paulista, e na sua inserção no meio acadêmico enfatizando “que no princípio do século havia em São Paulo duas Instituições em que estudiosos interessados em assuntos antropológicos podiam discutir as suas idéias e expor os resultados de suas investigações: o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e o Museu Paulista (...). No Museu Paulista se destacaram Herman von Yering, que era diretor e Curt Nimuendajú. (...). Depois da Primeira Guerra Mundial, vários intelectuais procuraram estimular a pesquisa etnológica (...). O primeiro etnólogo de formação a radicar-se em São Paulo foi Herbert Baldus.”(Schaden, 1984:251-258). Acrescenta-se o fato de que, reconhecido pelo valor de suas expedições a aldeamentos indígenas em 1933 e 1935, Herbert Baldus passa a lecionar na Escola Livre de Sociologia e Política a disciplina de Etnologia Brasileira, vindo a assumir também a Seção de Etnologia do Museu Paulista, criada no ano de 1946.

— Resgatar e caracterizar a documentação visual levada a efeito no Brasil, dando reconhecimento especial à produção de um autor pouco divulgado que desenvolveu suas pesquisas desde o início de suas atividades em 1939 junto ao SPI, até o fim de sua carreira e sua vida, no ano de 1966, no Museu Paulista, tendo como objetivo básico a configuração dessa categoria de material enquanto fonte primária de pesquisa, visando através da aná-

lise dessas fontes a compreensão dos efeitos “integradores” causados pelas relações entre índios e brancos.

A Antropologia Visual no Brasil vem sendo nas últimas décadas alvo de estudos e atenção no campo das Ciências Sociais, dando-se maior relevo aos temas etnográficos, muito embora, sejam poucos os pesquisadores empenhados em defender e demonstrar que a imagem é uma peça fundamental enquanto fonte primária de pesquisa científica capaz de evidenciar as sociedades indígenas em seu contexto histórico e cultural.

Diante da dificuldade de delinear um perfil crítico e analítico, entende-se aqui por antropologia visual o estudo das significações de imagens singulares, que transportam as representações sociais para os suportes fotográficos e filmográficos. Parte-se do pressuposto de que os registros que não ganham forma verbal, transmitem informações que possibilitam a construção de conjuntos referenciais capazes de resgatar o locus de ação de diferentes parcelas da população, por materializarem o espaço de atuação do indivíduo. A partir de um elenco de imagens, observa-se o gesto em ação, ou seja, o fazer em determinados momentos da sociedade.

O registro iconográfico refaz através das imagens a trajetória de engendramento de muitas histórias do diverso, seja resgatando o conteúdo conjectural de uma realidade, ou focalizando o passado como fonte privilegiada da memória. A imagem toma forma narrativa da ação que se dispõe diante da câmera como indicativo de transmissão de conhecimentos que possam ser dimensionados historicamente, selecionados e redispostos de acordo com os sentidos que ora venham a desempenhar. Com a retomada de uma referência cronológica anterior busca-se uma nova historicidade, procurando a quebra das barreiras lineares do tempo a ser inserido em um outro contexto que estabelecerá a dialógica com o atual. O retrato de uma circunstância refaz o itinerário da ressignificação simbólica no discurso presente, recolocando-o dentro de uma realidade mais universalista e globalizante. A análise de um conjunto de imagens, como recurso metodológico, possibilita vivenciar recortes de um tempo passado, que se transpõe para o presente, sendo possível descortinar processos de construção de identidades étnicas. Torna-se possível vivenciar

a diversidade a partir do agrupamento do conjunto de registros referentes a várias etnias, mesmo que tais momentos tenham sido filtrados pelo autor que domina a câmera.

Sendo assim, a abordagem deste tema não deve furtar-se da constatação de que o texto não é o único ponto de convergência da análise de todos os dados. Existem outros elementos que determinam o tratamento das questões propostas. Daqui resulta a conclusão de que a imagem também se constitui enquanto peça importante de análise dos dados, pois os instantâneos fotográficos são capazes de revelar uma parcela do tempo que passou, registrar vários aspectos que a memória não gravou e, principalmente, captar aquilo que um olhar menos direcionado ou treinado não foi capaz de perceber, ou seja, a imagem tem a capacidade mágica de gravar outros planos que nos escapam a um primeiro olhar, mesmo quando estamos por trás da objetiva.

Ao constatar o quanto é negligenciado esse aspecto, optamos por pautar as investigações sobre as tendências e heranças dos modelos teóricos que nortearam as práticas etnográficas nas três décadas em abordagem, pela análise da iconografia produtora de vários registros acerca do universo desse “outro” tão diverso denominado “índio”.

Podemos concluir que desde a fundação da Antropologia vem se despendendo um esforço teórico considerável na tentativa de conhecer o mundo frente às suas diferenças, procurando recuperar os momentos de mudança. Nesse processo, busca-se no fenômeno da alteridade a compreensão do “outro” sem transformá-lo no “mesmo”, ou seja, distanciar as análises etnocêntricas na tentativa de compreender as diferenças inseridas em seu contexto e dinâmica própria.

O pensamento do século XX alicerça-se, por um lado, sobre o arcabouço da racionalidade científica, que em seu transcurso desemboca no que Max Weber expressa como “desencantamento do mundo”. Por outro, sobre as reflexões de final de século que vêm propondo a quebra de velhos paradigmas científicos e a busca de um novo método que seja capaz de recolocar o Homem no centro do Universo, quebrando-se as barreiras entre as Ciências da Natureza e as Ciências do Homem.

Para que esses abismos entre homem e natureza sejam quebrados torna-se necessário um pro-

cesso de conscientização que vá de encontro ao rompimento das barreiras estabelecidas pelo Homem em relação à sua própria espécie. Para se alcançar a Globalização é necessário compreender a particularização. E o grande destaque a Ha-

rald Schultz deve-se ao fato de que enquanto etnógrafo preocupou-se em retratar e resgatar a diversidade cultural e os modos distintos de vivenciar e simbolizar a natureza.

CAMPOS, S.M.C.T.L. Visual Anthropology: old disciplinary frontiers, new approaches. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 167-172, 1994.

ABSTRACT: This paper deals with the basic questions of a moment of the development of Brazilian Anthropology highlighting the production of the ethnologist Harald Schultz, who in the period between 1939 to 1966 recorded the results of his researches in more than sixty ethnographic films, besides photos, articles and books. We tried to characterize the dialogue that was held by the Museu Paulista with the University of São Paulo and the Escola Livre de Sociologia e Política, analysing the effects brought about by the theoretical influences inherited from the European centers of this period that contributed to the construction of the paradigms of the Social Sciences in Brazil.

UNITERMS: Ethnographic Films – Indigenism – Brazilian Anthropology – Visual Anthropology.

Referências bibliográficas

- BALDUS, H.
(1965/ Harald Schultz 1909-1966. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, 16, S.Paulo: 7-21 .
- GAGLIARDI, J.M.
(1989) *O Índigena e a República. Estudos Brasileiros*, 25. Ed. Hucitec/ Ed.da Universidade de São Paulo, S. Paulo.
- MELATTI, J.C.
(1984) A Antropologia no Brasil. *Anuário Antropológico* 82, Ed. UFC / Tempo Brasileiro, Fortaleza / Rio de Janeiro:227.
- SCHADEN, E.
(1964) *Ensaio Sobre Fatores e Tendências da Mudança Cultural das Tribos Índias em Contato com o Mundo dos Brancos*. Tese apresentada para a cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. S.Paulo: 251-258.

Recebido para publicação em 30 de julho de 1994.